

Surpresa, emoção e planos

Marcelo Abreu

Da equipe do **Correio**

De chinela havaiana, calça camuflada, camisa branca manchada de óleo e graxa, lá veio o homem de pouco mais de 1,50 metro. Chegou ávido. Ofegante. Parecia menino que acabara de ganhar um presente. Desde a noite anterior, mal dormira. Soube que passaria no metrô. Aos 68 anos, vida difícil, o coração do borracheiro já não agüenta mais tanta emoção. Na pressa, nem viu a escada rolante. Preferiu correr pelos mais de 30 degraus da escada normal. Queria chegar logo. Estava impaciente. "Contei os dias pra viver esse dia."

O trem não chegava. O homem de chinela havaiana ouvia os engenheiros de gravata falar sobre o novo empreendimento. Explicações técnicas. Quase metafísicas. Era demais para o borracheiro que passou a vida inteira remendando pneus. Ele não entendeu nada. Na verdade, nem quis entender. Apreciou a estação. Olhava de um lado para o outro. "Parece aeroporto. É bacana demais", extasiava-se o homem que nunca andou de avião. Só vê aquela "coisa grande" quando passa pelo céu poeirento de Samambaia.

Por um instante, lembrou-se do tempo em que morava no Rio Grande do Norte. Esse tempo parece longe demais. Mas ainda ficou a lembrança. "Em Mossoró, não tem essas coisas, não." E fez planos: "No dia que escrever pro povo de lá, vou contar que tive aqui."

São 11h15, quinta-feira. O trem acaba de chegar à Estação da 114 Sul. Destino: Rodoviária do Plano Piloto. Antônio Paulino Alves, o borracheiro; Cynthia Krieger, funcionária do Ministério; a cabeleireira Heloísa Helena Miranda; as primas Amanda Peixoto e Manuella Andrade; a professora aposentada Maria José Vasconcelos. Juntos, de chinela havaiana ou usando impecáveis óculos escuros importados, todos iriam viver a mesma emoção.

ESPAÇO ALTERNATIVO

Toda essa gente se reuniu, a convite do **Correio Brasileiro**, para a primeira viagem de metrô de suas vidas em Brasília. Foi uma viagem especial. Viagem das sensações. Impressões e descobertas. Seis pessoas, com valores, histórias, endereços e vidas bem diferentes. E embarcaram no mesmo trem.

As portas se abrem. Antônio é o primeiro a entrar. Cynthia, 44, elegantemente bem-vestida numa calça preta de microfibra, conhece o metrô de Buenos Aires. Maria José, 53, a professora aposentada de Águas Claras, já esteve no de Miami. Heloísa Helena, 48, cabeleireira de Samambaia, nunca havia pisado num lugar como aquele. Os olhinhos de Amanda, 8, e Manuella, 9, vibram.

A voz empastada no microfone avisa que o trem partirá. Fecham-se as portas. Antônio, o incansável borracheiro, senta-se do lado da janela. O coração dispara. A viagem até a Rodoviária começa. Do lado de fora, trilhos e escuridão. Amanda e Manuella vão até a cabine.

— Parece um avião debaixo da terra, extasiou-se Amanda, que mora na Asa Sul, arregalando os olhos verdes.

— A cabine é igual a um videogame. Tem muito botãozinho, compara a morena Manuella, do

Guará.

Sentada num cantinho do vagão, Heloísa Helena, a cabeleireira, imagina como a vida pode mudar depois daquela viagem. Faz planos: "Trabalho em casa, mas agora, com o metrô, posso vir pro Plano todo dia, atrás das minhas antigas clientes."

Cynthia vislumbra a possibilidade de cada estação se transformar num espaço alternativo para a cultura. "No metrô de Londres e de Nova York são realizados shows e performances de artistas bem interessantes."

Maria José, a professora de Águas Claras, conta que da janela do seu apartamento vê o trem passar. A vida por ali mudou muito. Fala-se agora, com a chegada dele, até em especulação imobiliária. "Os apartamentos, principalmente os mais perto da estação, ficaram mais caros."

Juntinhas no banco de trás do vagão, Amanda e Manuella cochicham. Observam cada movimento. Querem saber em quanto tempo chegarão à Rodoviária. Foi muito rápido. Rapidíssimo. Mal deu tempo de ir à cabine...

DESTINO FINAL

Quatro minutos depois, o trem chega ao destino. Todos teriam que descer. O passeio havia acabado. Antônio não acreditou. Amanda e Manuella queriam mais. E eis a grande novidade do dia. A viagem iria continuar. O trem partiu para Samambaia — fim da linha.

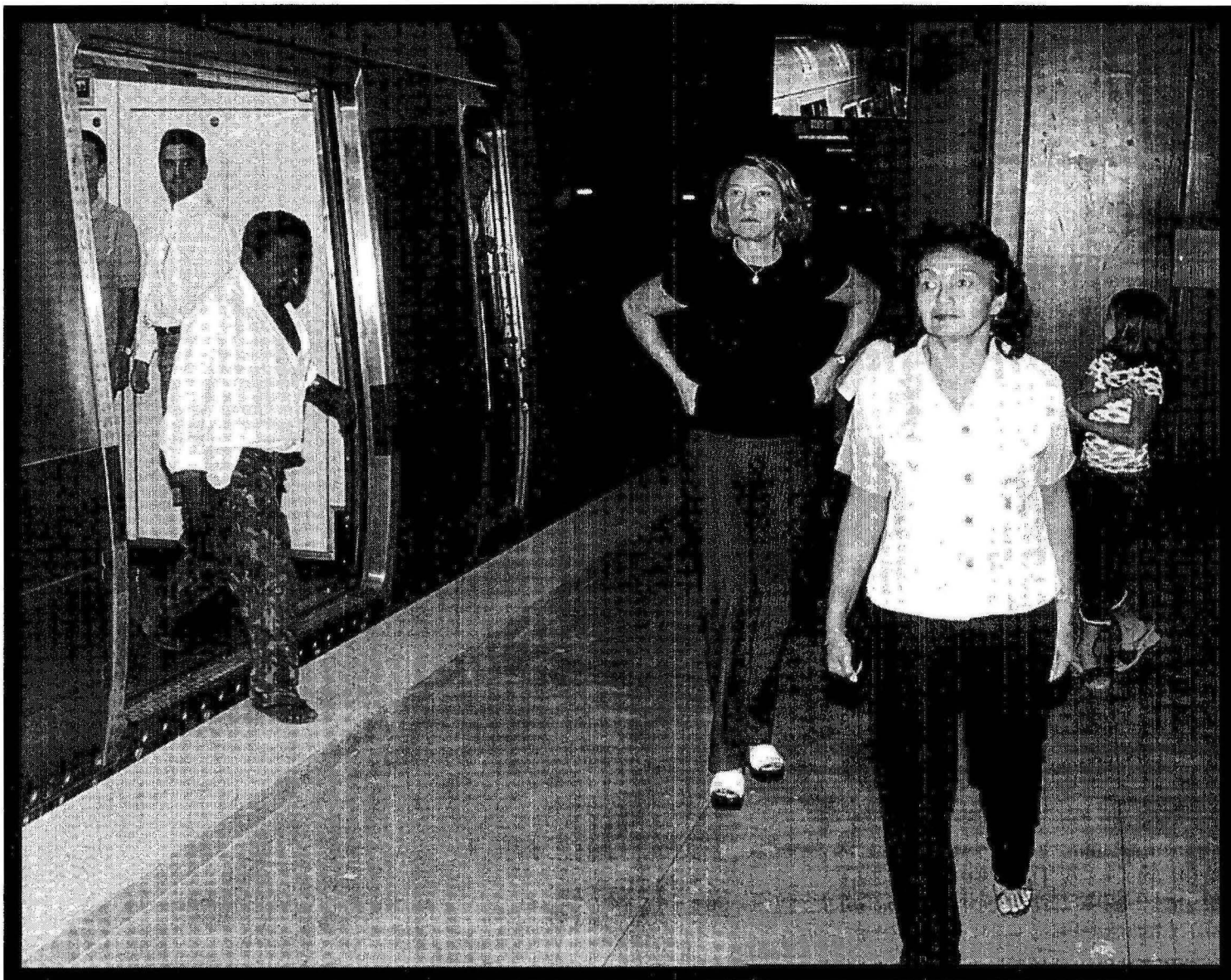
O borracheiro vai, pela primeira vez, passar pela sua cidade de metrô. "Eu sabia que esse dia ia chegar." A gaúcha Cynthia, recém-chegada a Brasília, depa-rou-se com um novo mundo. Uma outra realidade, bem longe dos cartões-postais que via da capital da República. Amanda e Manuella vão ao lugar que só conhecem pela televisão.

Da janela do metrô, Maria José vê seu apartamento. E comemora: "No início, ninguém acreditava em Águas Claras. Olha só no que a cidade se transformou..." Os arranha-céus que o digam.

Heloísa Helena, que conhece bem Samambaia, matuta sobre como voltar a atender na casa das antigas freguesas do Plano Piloto. "Agora posso chegar lá rapidinho."

O trem parte, então, para o destino final. Ora por baixo da terra, ora pela superfície. Vem a Feira do Guará. Avistam-se os letreiros do Parkshopping. "Olha lá o Carrefour", empolga-se Manuella. Minutos depois, chega-se a Taguatinga.

O metrô corta cerrado a 80



ANTÔNIO (E) DESCE DO TREM EMOCIONADO: "CONTEI OS DIAS PARA VIVER ESSA VIAGEM", DISSE ELE. HELOÍSA PLANEJA TRABALHO: MAIS CLIENTES

quilômetros por hora. De longe, surgem as casinhas de Samambaia. O barro vermelho. Vista do trem, a cidade parece até diferente. Meia hora depois — o mesmo percurso em ônibus levaria entre 60 a 90 minutos —, chega-se a Samambaia. Fim da viagem.

Embevecido, o borracheiro vai escrever para os parentes no Rio Grande do Norte. "Vou dizer pra eles tudinho vir (*sic*) andar de metrô também." Cynthia insiste nos shows que podem ser realizados nas estações. Maria José vibra com a valorização de Águas Claras, o bairro onde mora. Heloísa Helena nem acredita que, indo de metrô, pode ganhar mais dinheiro voltando a embelezar as madames do Plano Piloto.

Amanda e Manuella? Ah, Amanda e Manuella... Depois de tanta estripulia nos vagões, só querem contar a novidade para os coleguinhas da escola.

Numa viagem de pouco mais de 30 minutos, tantas e incríveis histórias podem ser contadas...



MANOELLA E AMANDA: MUITAS HISTÓRIAS PARA CONTAR